

# EDUCAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Nadir Rodrigues Pereira<sup>25</sup>  
Tércia Zavaglia Torres<sup>26</sup>

## Resumo

Este artigo analisa a importância do sujeito e sua ação comunicacional em um ambiente mediado pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), sob a perspectiva da educomunicação, que leva em consideração a intencionalidade do processo educativo focado na apropriação do conhecimento pelos cidadãos. Considerando a importância da formação profissional de educadores reflexivos e com visão crítica diante do contexto da Sociedade da Informação, considerou-se relevante estudar qual a concepção de educomunicação que norteia a racionalidade de estudantes formandos em Pedagogia, de forma a identificar estratégias que, sendo adotadas, pudessem favorecer a introdução deste conceito na formação e na prática profissional de futuros educadores.

**Palavras-chave:** Educação; Tecnologia; Comunicação; Educomunicação; Tecnologias de Informação e Comunicação.

## Introdução

Este artigo é baseado numa pesquisa que analisou a importância do papel do sujeito e sua ação comunicacional em um ambiente mediado pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), sob a perspectiva da educomunicação, que leva em consideração a intencionalidade do processo educativo focado na apropriação do conhecimento pelos cidadãos.

Considerando a importância da formação profissional de educadores reflexivos e com visão crítica diante do contexto da Sociedade da Informação, considerou-se que seria relevante saber qual a concepção de educomunicação que norteia a racionalidade de estudantes formandos em Pedagogia, de forma que fosse possível também se identificar estratégias que, sendo adotadas, poderiam favorecer a introdução deste conceito na formação e na prática profissional dos futuros educadores, a partir da introdução de um currículo que incorpore esta lógica, desde o início da formação.

Assim, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa, cuja questão norteadora foi: "Qual a percepção que os alunos formandos do curso de Pedagogia da Faculdade de

---

<sup>25</sup> Analista e Jornalista da Embrapa Informática Agropecuária. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>26</sup> Analista da Embrapa Informática Agropecuária. Professora e Coordenadora de Curso Superior e de Pós-Graduação Lato Sensu da Faculdade de Paulínia (FACP). Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Educação da Universidade Estadual de Campinas têm em relação à educomunicação como um campo de conhecimento que se pauta no diálogo e na aproximação entre a educação e a comunicação?

Como opção metodológica adotou-se o estudo de caso, que contou com a participação de 97 alunos de duas turmas que cursavam, em 2012, a disciplina Educação e Tecnologias no curso de Pedagogia da Unicamp. O estudo teve como instrumentos de coleta de dados técnicas de observação e aplicação de questionários.

O objetivo geral foi compreender, a partir da literatura sobre educomunicação e formação inicial de profissionais, como poderiam ser introduzidos os paradigmas conceituais da educomunicação no currículo do curso de Pedagogia. Os objetivos específicos foram: a) identificar qual a concepção dos estudantes sobre o conceito de educomunicação; b) identificar junto a futuros pedagogos que conteúdos são considerados significativos na sua formação, englobando a temática educação e comunicação, que pudessem nortear a introdução de novos temas no currículo e a elaboração de políticas de formação de professores focadas em uma educação com os meios; c) identificar estratégias que pudessem favorecer a introdução do tema educomunicação no curso de Pedagogia. Os resultados apresentados foram obtidos a partir da construção de três categorias de análise dos dados: concepção, formação e estratégias, e retratam como os estudantes percebem a educomunicação, a importância que atribuem ao conceito como facilitador da inter-relação educação e comunicação, o entendimento de que a educomunicação deve fazer parte da formação profissional do pedagogo, além de estratégias que consideram relevantes para o desenvolvimento de uma visão crítico-reflexiva a partir do uso dos meios de comunicação.

Os resultados da pesquisa visaram: a) contribuir com a identificação de tópicos referentes à temática educacional que poderiam ser incorporados ao currículo e ao processo de formação do pedagogo; e b) propiciar a discussão do conceito de educomunicação, sob a perspectiva do futuro educador, para favorecer o uso das novas tecnologias como um meio de comunicação na formação profissional do pedagogo, contribuindo para a criação de uma consciência crítica sobre a importância de uma educação com os meios de comunicação.

## **1. Paradigmas da formação de professores**

Nas últimas décadas, muitos professores, educadores de professores e pesquisadores educacionais têm conduzido um movimento internacional voltado à preparação de educadores como agentes reflexivos. Entretanto, para Zeichner (2003, p. 40), “em geral, há uma grande defasagem entre a retórica da educação democrática e centrada no aluno e o modo pelo qual se conduz a educação de professores”. O autor questiona a forma como as reformas educacionais têm sido implementadas, nas quais não é dada aos professores a oportunidade de exercerem um papel participativo. Segundo ele, os programas de educação de professores não podem se limitar a “lhes ensinar a ser técnicos eficientes”, mas assegurar um papel significativo de agente na definição do currículo, das práticas instrucionais e das políticas escolares.

Superficialmente, o movimento pela prática reflexiva implica o reconhecimento de que os educadores devem ter um papel na formulação dos objetivos e uma finalidade em seu trabalho, além de desempenhar um papel de liderança na reforma do ensino. É preciso considerar que a geração de conhecimento novo sobre o ensino e a aprendizagem não é uma propriedade exclusiva das faculdades, das universidades e dos centros de pesquisa e desenvolvimento, além de reconhecer que os professores também têm teorias capazes de contribuir com a construção de um conhecimento comum acerca das boas práticas docentes. O conceito de educador como um agente reflexivo parece reconhecer a *expertise* que há na prática dos bons professores, aquilo que Donald Schon (1983) denominou “conhecimento na ação” (ZEICHNER, 2003, p. 41).

Ao analisar os paradigmas de formação, Perrenoud (1993) identificou duas tendências existentes nos programas de formação profissional: a “*proletarização*”, que visa preparar os profissionais para serem executores eficazes de modelos teóricos ou conceituais; e a “*profissionalização*”, focada na preparação dos futuros profissionais para o questionamento, a identificação e a resolução de problemas. Ou seja, conforme o autor, a profissionalização preocupa-se com o aprender a pensar; é um modelo que se pauta em competências técnicas e metodológicas e leva os profissionais a refletirem sobre a sua prática profissional. Assim, a capacidade de tomar decisões e de agir resulta muito mais de um conhecimento que é produzido pelas articulações entre a teoria e a prática do que apenas de um conhecimento acadêmico, linear e instrumental.

Qualquer formação inicial merece ser periodicamente repensada em função da evolução das condições de trabalho, da formulação do pedido, das tecnologias ou do estado dos saberes. Em determinados casos, a renovação das formações iniciais é parte integrante de uma transformação mais fundamental da profissão. É o caso da profissão docente, em vias de *profissionalização*. Em dados momentos, a renovação da formação inicial dos professores pode proporcionar um progresso nesse sentido, daí a importância de uma concepção clara dos objetivos (PERRENOUD, 1993, p. 137).

Assim, entende-se que a formação de professores deve estar apoiada em uma concepção construtivista da realidade prática.

*A prática como eixo do currículo da formação do professor deve permitir e provocar o desenvolvimento das capacidades e competências implícitas no conhecimento-na-ação, próprio desta actividade profissional; das capacidades, conhecimentos e atitudes em que assenta tanto a reflexão-na-ação, que analisa o conhecimento-na-ação, como a reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação. Todas estas capacidades, conhecimentos e atitudes não dependem da assimilação do conhecimento académico, mas sim da mobilização de um outro tipo de conhecimento produzido em diálogo com a situação real (PÉREZ GÓMEZ, 1995, p. 111).*

A construção da realidade educativa ocorre a partir do diálogo, das percepções e das interações sociais, que permeiam a prática profissional e produzem significados. Em suas reflexões sobre a formação dos professores, Perrenoud (1993, p. 93) salienta que:

*A fé na formação de professores nunca é mais forte do que a fé no discurso reformista sobre a educação: introduzir as novas tecnologias, democratizar o ensino, diferenciar a pedagogia para melhor lutar contra o insucesso escolar, renovar os conteúdos e as didáticas, desenvolver as pedagogias activas, participativas, cooperativas, abrir a escola à vida, partir da vivência dos alunos, reconhecer a diversidade das culturas, alargar o diálogo com os pais, favorecer a sua participação na vida da escola: tudo isto conduz-nos sempre à conclusão de que é preciso formar os professores!*

Na visão de Severino (2003, p. 76), “a pedagogia dos cursos de formação docente tem se marcado por uma forte tendência à exposição, à transmissão de informações, pelo professor, numa simples cadeia de repetições e reproduções”, ou seja, o processo pedagógico de formação não contempla a postura investigativa. Outra limitação apontada é com relação ao número reduzido de atividades de prática de docência das disciplinas e de processos experimentais de produção do saber científico. Assim, defende que:

*[...] ao lado de subsidiar o futuro educador para apossar-se dos conhecimentos científicos e técnicos, bem como dos processos metodológicos de sua produção, é preciso garantir ainda que ele perceba aquilo que se pode designar como as relações situacionais, de modo a dar conta das intrincadas redes da vida objetiva no seio da realidade social e da vida subjetiva de sua realidade pessoal, pois só a partir daí poderá apreender o significado e as reais condições do exercício de seu trabalho. Por outro lado, cabe ainda à educação, no plano da intencionalidade da consciência, ajudar o educador a desvendar os mascaramentos ideológicos de sua atividade, evitando que se torne simplesmente força de reprodução social, para se efetivar como elemento dinâmico que possa contribuir para o processo mais amplo de transformação da sociedade, no momento mesmo em que continua inserindo os indivíduos no sistema de produção e de manutenção de sua existência material (SEVERINO, 2003, p. 78).*

Uma educação transformadora que leva à autonomia do sujeito é aquela capaz de estimular uma visão crítica, formada a partir de relações dialógicas pautadas pela ética, o

respeito, a colaboração e a liberdade responsável. As novas práticas pedagógicas que se visualizam no contexto cooperativo e colaborativo, apoiadas por recursos midiáticos, podem representar uma inovação no processo educativo, pois têm a potencialidade de despertar a criatividade, a reflexão e a ressignificação de saberes.

## 2. Educação e tecnologias

Kenski (2003, p. 91) define as tecnologias como “ferramentas que auxiliam as pessoas a viverem melhor dentro de um determinado contexto social e espaço-temporal”, lembrando que a trajetória do ser humano tem tanto os seus avanços como os seus limites relacionados ao uso das tecnologias, desde o osso usado pelos primeiros humanóides até o ambiente em que vivemos hoje. “Por sua vez, as tecnologias também determinam as relações de poder e os limites de ação e de construção do *ser social* em cada momento.”

Por isso, ressalta que o acesso e o conhecimento do uso das novas TIC deve contribuir também para diminuir as desigualdades sociais. A educação exerce um importante papel na inclusão tecnológica dos cidadãos quando os educam para a compreensão das novas linguagens e o “consumo crítico” das tecnologias.

É neste sentido que a preocupação dos educadores precisa ser a de contribuir para a formação de pessoas ativas socialmente, cidadãos de seu próprio país e do mundo e que possam ter autonomia e conhecimento suficientes para a compreensão e análise crítica do papel das novas tecnologias no atual momento da sociedade. Autonomia, criticidade e domínio das novas linguagens tecnológicas são competências necessárias e urgentes que devem ser exigidas dos educadores nessa árdua tarefa de aproximação e distanciamento crítico das novas tecnologias para a utilização consciente no ensino de todos os níveis (KENSKI, 2003, p. 95).

O Livro Verde da Sociedade da Informação aponta que a inserção positiva do Brasil nessa sociedade pressupõe “um conjunto de condições e de inovações nas estruturas produtivas e organizacionais, no sistema educacional e nas instâncias reguladoras, normativas e de governo em geral (TAKAHASHI, 2000, p. 6-7)”. Para isso, além da universalização do acesso, é preciso garantir que as tecnologias de informação e comunicação ajudem a combater as desigualdades e a promover a cidadania, contexto em que a educação desempenha papel fundamental.

É a educação o elemento-chave para a construção de uma sociedade da informação e condição essencial para que pessoas e organizações estejam aptas a lidar com o novo, a criar e, assim, a garantir seu espaço de liberdade e autonomia. A dinâmica da sociedade da informação requer educação continuada ao longo da

vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas sobretudo inovar. (...) Nesse sentido, as tecnologias de informação e comunicação podem prestar enorme contribuição para que os programas de educação ganhem maior eficácia e alcancem cada vez maior número de comunidades e regiões. Para tanto, contudo, é necessário que a capacitação pedagógica e tecnológica de educadores – elemento indispensável para a adequada utilização do potencial didático dos novos meios e fator de multiplicação das competências – tenha paralelo ao desenvolvimento de conteúdo local e em português (TAKAHASHI, 2000, p. 32).

A evolução das tecnologias de informação e comunicação deve provocar muitas transformações também no sistema educacional. A convergência tecnológica e os recursos multimídia oferecem potencialidades que permitem a organização de pesquisadores e estudiosos em redes de conhecimento, onde a participação e a colaboração são estimuladas tanto local como internacionalmente. Keats e Schmidt (2007) entendem que o desenvolvimento ocorrido, tanto em aspectos tecnológicos, quanto sociais, educacionais, legais e econômicos, contribuíram para criar as bases que vão produzir um impacto bastante significativo também no ensino superior.

Para os autores, a educação 1.0 é um processo chamado de mão única, em que prevalece a lógica da transmissão de conhecimento tradicional, na qual o professor é a principal fonte de saber e os alunos exercem o papel de consumidores de informação. Esse modelo foi denominado de educação bancária por Freire (1982), em que os educandos são os depositários e o educador o depositante, devido à atuação passiva que os estudantes desempenham. Para Kaplún (1985), trata-se de uma educação manipuladora, cujo aluno é objeto e não sujeito do processo educativo.

Na etapa da educação 2.0 são usadas tecnologias de web 2.0 para criar uma educação um pouco mais interativa, mas ainda em nível local e sem promover grandes transformações no processo de ensino, mas que representam o primeiro passo para uma mudança profunda no ensino superior. As tecnologias favorecem a criação de um sistema mais livre e aberto, centrado na aprendizagem, que vai caracterizar o modelo de educação 3.0, no qual os estudantes desempenham um papel-chave como criadores de conhecimento - que é compartilhado além das fronteiras locais e promove mudanças significativas nas relações entre professores e estudantes, nas disciplinas e nas instituições de ensino.

As práticas de ensino apoiadas na colaboração, no compartilhamento e na troca de saberes tendem a produzir resultados mais satisfatórios, uma vez que são pautadas pelo diálogo e pelas interações entre os membros de um grupo. A alfabetização digital leva à

participação e à reflexão crítica, tornando os sujeitos mais conscientes sobre o papel que podem desempenhar.

A aprendizagem colaborativa é uma estratégia de ensino que encoraja a participação do estudante no processo de aprendizagem e que faz da aprendizagem um processo ativo e efetivo, onde o conhecimento é resultante de um consenso entre membros de uma comunidade, algo que as pessoas constroem conversando, trabalhando juntas e chegando a um acordo (ROMANÓ, 2004, p. 75).

Ainda com relação às transformações promovidas pelas TIC no campo da educação, o Horizon Report 2012 (NMC, 2012) analisou as perspectivas tecnológicas para o ensino fundamental e médio brasileiro, de 2012 a 2017, e identificou as tendências e desafios com que as escolas no Brasil vão se deparar nesse período. O New Media Consortium (NMC) é responsável pelo Horizon Project, um trabalho de pesquisa que reúne diversos especialistas interessados em identificar e descrever as tecnologias emergentes que possivelmente terão grande impacto na educação mundial, a curto, médio e longo prazo.

As principais tendências identificadas para o ensino no Brasil foram: 1) Os paradigmas da educação estão se modificando para incluir o aprendizado on-line, o aprendizado híbrido e os modelos colaborativos; 2) A abundância de recursos e relacionamentos com acesso fácil através da internet está nos desafiando cada vez mais a revisitar nosso papel como educador; e 3) As pessoas esperam poder trabalhar, aprender e estudar sempre que quiserem e onde estiverem. Quanto aos desafios com que a educação vai se deparar no cenário brasileiro estão: 1) A formação de professores deve ser modificada para adaptar-se aos novos estudantes e às novas tecnologias; 2) Utilizar a tecnologia não é suficiente, também é necessário modificar as metodologias de ensino; e 3) O currículo escolar educacional deve ser reinventado.

Todas as mudanças que vêm ocorrendo nos entornos de aprendizagem, cada vez mais apoiados pelas tecnologias associadas à comunicação e à colaboração virtual, criam outros desafios para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a formação docente no uso de meios digitais e a alfabetização digital se tornam condições essenciais da profissão docente. Além disso, se exige que os estudantes tenham uma formação adequada ao uso dos novos meios e a linguagens de comunicação audiovisual, sendo necessária uma adaptação das práticas docentes às exigências da sociedade digital.

Para Aragão (2004, p. 344), os educadores precisam lutar contra uma postura ingênua que envolve o uso das tecnologias, pois não é possível produzir relações comunicativas diferentes se não houver novas posturas também nas formas de ensinar,

aprender e comunicar. Essa afirmativa é corroborada pelas inúmeras iniciativas de informatização das escolas empreendidas no País, quando houve preocupação apenas com a questão tecnológica, sem considerar o processo pedagógico e a formação docente.

### **3. Educomunicação: um caminho**

O conceito de educomunicação é definido por Soares (2011, p.44) como “um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer *ecossistemas comunicativos*”. Para essa criação, o agir comunicativo passa por “áreas de intervenção”, a saber: (1) educação para a comunicação; (2) a expressão comunicativa através das artes; (3) a mediação tecnológica nos espaços educativos; (4) a pedagogia da comunicação; (5) a gestão da comunicação nos espaços educativos; e (6) a reflexão epistemológica sobre a prática em questão.

A educomunicação defende que “a formação de um profissional com habilidades para atuar no contexto da inter-relação Comunicação/Educação deve contemplar o aporte de uma consciência ética e uma pragmática voltada para as transformações da sociedade (SCHAUN, 2002, p. 97)”. Entre as funções que esses profissionais vão desenvolver, pode se destacar: a) a elaboração de diagnósticos no campo da inter-relação comunicação/educação, planejando, executando e avaliando processos comunicacionais; b) a construção de uma visão de conjunto dos processos da educomunicação, conhecimentos técnicos específicos que se aplicam tanto a macrossistemas quanto a espaços reduzidos de atividades humanas, como a cultura local; c) a reflexão sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam maior esclarecimento sobre as demandas sociais com referência à inter-relação comunicação/educação; d) a coordenação de ações e gestões de processos que se traduzam em políticas públicas; e) a implementação de programas de educação para os meios; e f) o assessoramento dos educadores no uso adequado dos recursos da comunicação.

Gómez e Aguaded (2011) destacam o fenômeno comunicativo que caracteriza a sociedade contemporânea graças ao desenvolvimento das novas tecnologias. Embora o homem tenha utilizado instrumentos para se comunicar em todos os períodos de sua história, a universalização dos meios e recursos do mundo contemporâneo se torna especificamente singular nos dias atuais, fazendo com que os meios de comunicação e as TIC configurem um novo modelo de homem e de sociedade, conforme os autores.



Como resposta a esta nueva sociedad de la información, a la problemática de las complejas relaciones de los niños y jóvenes con los medios de comunicación surge la necesidad de planificar y proyectar una educación para el conocimiento de estos nuevos lenguajes en el contexto de una sociedad cada vez más mediática e indagar y reflexionar cómo la educación en general, y la enseñanza en particular, han de responder al papel central que los medios de comunicación juegan en la vida de los chicos y chicas (GÓMEZ; AGUADED, 2011, p. 4).

### 3.1 Visões dos formandos em Pedagogia

A pesquisa de abordagem qualitativa, aplicada aos cursantes da disciplina EP 146 A – Educação e Tecnologias durante o primeiro e o segundo semestre de 2012, procurou apreender como o conceito de educomunicação é percebido, sob a perspectiva do futuro educador. Também teve o objetivo de propiciar uma discussão a respeito de como a educomunicação pode favorecer o processo de formação profissional do pedagogo, ajudando na criação de uma consciência crítica sobre a importância de uma educação com as novas tecnologias e os meios de comunicação.

A partir da apuração dos dados coletados, pode-se afirmar que eles entendem que a educomunicação é uma prática pedagógica que auxilia o processo de ensino e aprendizagem, colaborando para uma relação mais horizontal na sala de aula, pautada pelo diálogo. A educomunicação “abre um leque de possibilidades dentro do contexto educativo, pois traz novas formas e ideias de se trabalhar o ensino e a aprendizagem (SUJEITO 7Q, 31/5/2012).”

Além de entender que a educomunicação traz aportes positivos ao processo de ensino, os sujeitos revelaram o desejo por uma mudança no estilo de ensino em vigor, verticalizado, para um modelo mais democrático e colaborativo, horizontal, nos moldes do que os autores sinalizam como uma educação 3.0 (KEATS e SCHMIDT, 2007) e de acordo com as tendências apontadas pelo Horizon Project (NMC, 2012).

O professor é um comunicador no espaço educativo. Isso não significa que seu papel seja apenas o de transmissor de certos conhecimentos, mas sim de mediador, suscitando nos alunos uma consciência crítica para que estes alcancem uma aprendizagem efetiva (SUJEITO 15Q, 22/6/2012).

Com base nos resultados obtidos, constata-se que para os sujeitos desta pesquisa a educação e a comunicação se configuram como aliadas; assim, entendem a educomunicação como “um tipo de prática pedagógica que propõe a utilização de recursos tecnológicos e meios de comunicação no ensino e na aprendizagem (SUJEITO 7Q, 31/5/2012)”, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento das duas áreas: “a ponte entre a educação e a comunicação deve sempre existir, pois é uma relação que só acrescenta para ambos os lados (SUJEITO 6Q, 31/5/2012).” Essa postura

também é corroborada pelos teóricos em educomunicação, cuja proposta é construir um diálogo entre a educação, entendida como uma “ação comunicativa”, e a comunicação enquanto “ação educativa” (SCHAUN, 2002; SOARES, 2011).

Os sujeitos da pesquisa acreditam que é fundamental que as escolas e os educadores adotem uma postura aberta, ou seja, uma relação mais horizontal, que estimule a participação e a interatividade, rumo a um modelo de educação mais descentralizado, no qual alunos e professores desempenhem papéis de protagonistas, isto é, atuem como autores e produtores de conhecimento. “Precisamos ser cada vez mais facilitadores do processo para que os alunos se tornem mais independentes e não meros copiadores ou repetidores” (SUJEITO 6S, 31/5/2012).

A formação profissional para o uso consciente das TIC em sala de aula, sabendo relacionar esse uso com a educação a partir de uma visão crítica que considera que o conhecimento é construído coletivamente, levando-se em conta as interações humanas, é uma das preocupações dos sujeitos. Por isso, percebem que as tecnologias estão presentes na sociedade e que devem ser incorporadas no fazer pedagógico e na produção de um novo modelo de educação, como ferramentas que apoiam o processo de ensino e aprendizagem.

Os sujeitos também entendem que a sua formação não se pode dar de maneira fragmentada, com apenas uma disciplina isolada no curso, que trata desta questão. Mas, creem que é fundamental uma visão sistêmica, que contempla a comunicação como cerne da formação do ser humano, sendo, portanto, impossível dissociá-la do contexto educacional.

Há um consenso na literatura de que inserir elementos tecnológicos usando o mesmo currículo e com a mesma pedagogia — como normalmente são desenhados esses programas — é um desperdício. (...) A tecnologia é uma ferramenta pedagógica, assim como o quadro-negro e o livro didático. Talvez mais poderosa, mas ainda assim apenas uma ferramenta, que trará resultados se for usada por um professor preparado em proposta que faça sentido pedagógico (IOSCHPE, 2012, p. 101).

Essa também é a concepção dos sujeitos desta pesquisa, para os quais as tecnologias são ferramentas que apoiam o processo de ensino, no qual a mediação dos professores é elemento essencial. Para estes sujeitos, há essa compreensão sobre a importância de uma postura crítica que é desenvolvida, principalmente, a partir das interações que se produzem no contexto social, do qual a escola é parte integrante. Assim, anseiam por mais conhecimento e capacitação para atuar diante dessa realidade que caracteriza a Sociedade da Informação, a qual está em constante mudança, exigindo

novas habilidades cognitivas que se constroem no dia a dia e a partir das relações sociais, favorecendo o aprendizado.

Entendem também que a partir de uma formação adequada, torna-se mais fácil a adoção de estratégias que vão facilitar o despertar da consciência crítica, tanto dos educadores quanto dos educandos. Essas estratégias, na percepção deles, tanto incluem uma ação instrumental, preocupada com a inserção das TIC em sala de aula, como abarcam uma ação relacional, que entende as TIC como potencializadoras de uma relação dialógica, que promove o aprendizado. “Cabe a nós, educadores, buscarmos alternativas e também colocarmos a criatividade em ação para pesquisar, procurar novas formas, conversar com a turma ... (SUJEITO 1S, 24/5/12)”.

Entre as estratégias citadas integrar as tecnologias e meios de comunicação à escola como recursos educacionais; adotar práticas de produção de conteúdos com as TIC; gerar novos conteúdos de forma participativa e colaborativa a partir das novas mídias; estimular o aluno a pensar, a partir de uma visão crítica das TIC; promover colaboração, criação coletiva, compartilhamento e interação entre os alunos; e incentivar o diálogo e a participação, ouvindo e promovendo debates com os alunos, em diferentes linguagens comunicacionais e, em especial, com as digitais.

## **Conclusões**

Vivemos em um mundo permeado pelas tecnologias, as quais impactam o modelo de produção de conhecimento e, por isso, não pode estar dissociado do campo educacional. Neste sentido, esta pesquisa se propôs a discutir a importância do papel do sujeito e sua ação comunicacional em um ambiente mediado pelas TIC, sob a perspectiva da educomunicação, que leva em consideração a intencionalidade do processo educativo focado na apropriação do conhecimento pelos cidadãos.

A educomunicação busca apoiar uma nova proposta de ensino que entende o potencial das TIC como viabilizadoras de um processo educativo que contribui para a formação de cidadãos ativos e atuantes no meio em que vivem. Sabe-se que a simples introdução das tecnologias digitais no processo educativo não será capaz de promover a transformação dos educandos, levando-os a refletirem e a repensarem suas relações culturais e sociais.

Assim, a mediação do professor é de suma importância no sentido de trabalhar conceitos e conteúdos de maneira interativa, favorecendo o despertar da consciência

crítica para a sua realidade. Trata-se de promover uma integração de conhecimentos entre alunos e professores para a construção de novos saberes.

Nesse contexto, a participação, a troca de experiências e o fazer coletivo são elementos essenciais de uma prática pedagógica que busca esse despertar por meio da reflexão e das interações sociais, vistas como resultados do processo comunicativo focado no compartilhamento, na cooperação e na autonomia do ser humano. A proposta da educomunicação é contribuir para a formação de um profissional reflexivo, que aprende a construir e a comparar novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentar e definir os problemas reais com que se depara, propondo soluções e oferecendo caminhos que levem a novas descobertas. Isso pressupõe o desenvolvimento de um conjunto de habilidades cognitivas que os profissionais precisarão exercitar para a formação da consciência crítica necessária à transformação social.

A pesquisa mostrou que os estudantes do curso de Pedagogia sujeitos desta investigação acreditam que a proposta da educomunicação aporta novos conhecimentos capazes de estimular a reflexão e o desenvolvimento de uma visão crítica que são fundamentais para o exercício profissional do pedagogo, auxiliando no processo de ensino. Por essa razão, deve ser incorporada no eixo do curso de formação dos pedagogos, propiciando discussões desde o início do processo formativo, de maneira transdisciplinar, para que se potencialize o papel da educação como ação transformadora do ser humano.

Portanto, considerando a importância dessa inter-relação entre a educação e a comunicação, que se configurou em um novo campo de conhecimento denominado educomunicação, e do papel que este conceito assume na formação de um profissional crítico a respeito do uso das novas tecnologias, entende-se que este saber não pode estar dissociado do processo de formação de educadores reflexivos.

## **Referências**

ARAGÃO, C. R. D. Interatividade na prática pedagógica online: relato de uma experiência. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 13, n. 22, p. 341-351, jul./dez. 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GÓMEZ, A. H.; AGUADED, J. I. Recomendaciones para el desarrollo de la alfabetización mediática em Brasil: propuestas desde la experiencia europea. **Resgate**, v. 19, n. 22, p. 3-15, jul./dez. 2011.

IOSCHPE, G. A tecnologia não nos salvará (por enquanto). **Revista Veja**, São Paulo, 21 mar. 2012. p. 100-101. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/a-tecnologia-nao-nos-salvara-por-enquanto>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

KAPLÚN, M. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

KEATS, D.; SCHMIDT, J. P. The genesis and emergence of Education 3.0 in higher education and its potential for Africa. **First Monday**, v. 12, n. 3, mar. 2007. Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/1625/1540>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

KENSKI, V. Novas tecnologias na educação presencial e a distância I. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 91-107.

NMC – New Media Consortium. Perspectivas tecnológicas para o ensino fundamental e médio brasileiro de 2012 a 2017: uma análise regional por NMC Horizon Project. Austin, Texas: The New Media Consortium Estados Unidos, 2012.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ROMANÓ, R. S. Ambientes virtuais para a aprendizagem colaborativa no ensino fundamental. **Athena: Revista Científica de Educação**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 73-88, fev./mar. 2004. Disponível em: <<http://www.faculdadeexpoente.com.br/upload/noticiasarquivos/1204057841.PDF#page=73>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SEVERINO, A. J. Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 71-89.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil – Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, setembro 2000. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/livroverde.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

ZEICHNER, K. Formando professores reflexivos para a educação centrada no aluno: possibilidades e contradições. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 35-55.